

Livros

Nome de destaque da poesia contemporânea, Renato Negrão lança hoje o livro-objeto "Odisseia Vácuo"

Um belo passeio pelas possibilidades do verso

Entrevista



Capricho. Livro de Renato Negrão demorou oito meses para ficar pronto e foi feito de modo artesanal

■ ANDRÉ DI BERNARDI

O artista belo-horizontino Renato Negrão é poeta, compositor, artista visual e educador de arte. Autor de "Vicente Viciado" e outros cinco livros de poemas, ele apresenta agora seu mais novo trabalho, "Odisseia Vácuo". Negrão fala sobre sua trajetória, seu processo criativo e sobre a importância do diálogo entre os múltiplos gêneros literários.

O que diferencia esse seu novo livro de outros projetos, como "Vicente Viciado", por exemplo? Acho que refinei a experiência de composição em relação aos poemas anteriores, como do livro "Vicente Viciado", que mantém uma atitude que dialoga com a poesia dos anos 70. Abordei a sutileza do humor para compor um poema um pouco mais longo, o que é menos comum na minha produção. No passado, era mais rítmico um pensamento mais rítmico nos meus textos, hoje certamente identifiquei uma busca por mais plasticidade.

Em que medida o livro flerta com a poesia concreta? São raros os de minha geração que não tenham referência mínima na poesia concreta e em outros movimentos experimentais da poesia brasileira, poema-processo, práxis, neoconcretismo etc. Nada é intencional mas, quando se vê, o diapasão está presente. O projeto gráfico, de uma maneira geral, tem referência das leituras do Décio Pignatari, do Júlio Plaza. A intenção de que o branco da página fosse um elemento atí-

vo dialoga com Mallarmé, mas não é intencional.

Como surgiu o projeto, a ideia para o livro? Ele demorou para ser produzido? Demoramos uns oito meses entre o primeiro encontro e o lançamento em São Paulo. Procurei alguém que admirasse, que fosse também um escritor, que fosse rigoroso no capricho, que tivesse referências próximas. E encontrei no Preto Matheus, da SQN Edições, isso e muito mais. Matheus, que é um preto, é consciente como eu, e isso amplia e redimensiona conceitualmente o projeto de um modo muito mais sutil do que se possa imaginar.

Fale sobre o projeto gráfico do livro. A epígrafe é do poeta português Alberto Pimenta, os dados da edição, que são as datas e a numeração acabam aparecendo como um índice enigmático. Não há título e não há o nome da editora, e também meu nome não aparece na capa. Dentro do livro aparecem em contraposição dialógica renato/vácuo e negrão/odisseia. A partir do significado do meu nome e sobre nome (Renato = renascido, e Negrão = breu), me permiti fabular as relações entre buraco negro e o vácuo quântico, a aventura ínfima das partículas e dos astros e a aventura do signo linguístico.

Que dificuldades você encontrou na leitura do livro? Tentei dialogar com outros editores. A dificuldade durou até eu entender que era com o Preto Matheus que eu tinha que desenvolver o projeto. Depois desse processo, só houve desafios conceituais e financeiros.

Em que medida o seu périplo recon-

“Acredito que um poema ou qualquer objeto artístico pode instigar de modos diferentes pessoas diferentes.”

te pelo Brasil ajudou no surgimento do livro? O livro já estava pronto quando comecei a viajar. O interessante foi perceber a recepção em lugares diferentes do Brasil.

Como você definiria o termo "livro-objeto"? Todo objeto que rompe com a forma tradicional do livro e se abre para relações em que a palavra requisita outros elementos plásticos, sonoros, materiais. Contudo, não me ateno muito a categorizações rígidas.

Fale um pouco sobre a performance que você vai apresentar no lançamento. A performance com Miguel Inverniz explora o universo da vocalização e do silêncio e convida o espectador a participar como ouvinte de uma leitura em que o desafio é dilatar o tempo da leitura até o limite em que ele, o ouvinte, não se disperse.

Resenha

Arte que extrapola conceitos, poesia que abrange o vasto

O universo do artista belo-horizontino Renato Negrão não se resume ao verso tradicional. Hoje, o poeta lança o livro-objeto "Odisseia Vácuo", seu sétimo trabalho, com sessão de autógrafos, bate-papo e performance, com Miguel Inverniz. Após um ano circulando pelo Brasil, no projeto Arte da Palavra, do Sesc, quando passou por 12 Estados brasileiros, o escritor está de volta a Belo Horizonte. A obra, com projeto gráfico realizado por Preto Matheus, já foi lançada em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Olinda, entre outras cidades.

Negrão, desde muito tempo, vem pesquisando uma literatura expandida, em diálogo com as artes plásticas, a música e o teatro, em recentes trabalhos com artistas como a cantora Juliana Perdigão (no disco "Folhuda") e o ator Alexandre de Sena (do Grupo Espanca de Teatro). "Odisseia Vácuo", feito artesanalmente, numa tiragem limitada, também pode ser lido como um livro-performance, que dialoga com os modos de fazer e pensar a poesia. "Trata-se de um poema que celebra a história e, ao mesmo tempo, questiona o modo com ela é contada", explica Negrão.

"Odisseia Vácuo" traz apenas um poema. Um livro, uma obra, um troço inimitável, um "algo" que prioriza a força e — mais que tudo — a fragilidade e a beleza

das lacunas, das reticências, do não dito que grita, que sussurra, que sugere. Negrão inventa um rol de regras — o que não deixa de ser um belo paradoxo — para instaurar a desordem, o descontrole, o desmando. Uma espécie de acrasia, de impermanência lhe cai bem.

Musicalidade e concretude, duas palavras que dizem muito sobre "Odisseia Vácuo", duas forças que se fundem, que se adicionam. Negrão brinca com múltiplas associações de signos de mil sentidos. O poeta monta uma estratégia peculiar e meio que dança, numa justa luta de esgrima com o verbo e o verso solto.

Certas poesias subvertem as engrenagens, que nunca descansam numa dialética de claros e escuros, que pairam entre o óbvio e o nunca visto. Negrão parece que gosta do lúdico e convida o leitor para esse carrossel. Negrão procura liames e mostra que tudo pode estar interligado através da força da arte.

Em "Odisseia Vácuo", Negrão domina e aborda o contravenido e a desconstrução do próprio conceito de livro através do silêncio, dos espaços em branco que atravessa, veja bem, as palavras, o verbo, a poesia. O poeta carrega algo de ambicioso que o acudia nesse périplo. Ele sabe e não sabe. E quando percebe, nada diz; ele "apenas" deixa brechas, lacunas para que o leitor tome texto das possibilidades infinitas de um livro que prima pelo capricho e pela diferença. Sim, é poesia, ainda que tenuamente poderosa. (AB)

O que é Lançamento do livro "Odisseia Vácuo" (SQN Edições), de Renato Negrão
Quando: Hoje, das 13h às 18h
Onde: Mercado Novo (av. Olegário Maciel, 742)
Quanto: R\$ 40



▶ POESIA

UMA AVENTURA ARTÍSTICA PARA LER E MANIPULAR

RENATO NEGRÃO LANÇA O LIVRO-OBJETO "ODISSEIA VÁCUO"

LUCAS BUZATTI

lbuzatti@hojeemdia.com.br

A literatura expandida é uma das linhas-guias do vasto universo de pesquisa de Renato Negrão. Poeta, fotógrafo, performer e artista visual, o mineiro se desdobra entre diferentes linguagens, criando narrativas e obras multifacetadas. Em seu caso de seu mais recente trabalho, o livro-objeto "Odisseia Vácuo", cujo projeto gráfico é assinado por Preto Matheus, do selo SQN Edições. Com produção totalmente artesanal, a obra será lançada neste sábado no Mercado Novo, em evento que terá performance de Negrão e Miguel Iavaral.

Segundo o artista, "Odisseia Vácuo" pode ser lido também como um "livro-performance". "O leitor tem que se envolver para desvendar os processos e ler a obra. A intenção não é castigá-lo, dificultando o entendimento da obra, mas causar uma certa instabilidade, como se fosse uma espécie de jogo", explica Negrão, ressaltando o caráter artesanal do livro. "O projeto traz essa ideia de circularidade. O formato é cíclico, misterioso; a capa não tem título; o livro é todo sanfonado. O leitor tem que ir invertendo a direção, como se virasse uma grande página", conta.

Negrão ressalta que o poema que intitula a obra apresenta uma saga artística através do tempo. "O poema tem nove páginas e traz a relação entre ironia e sarcasmo, ao mesmo tempo em que homenageia os artistas num tempo dilatado. É como se contasse a história de uma grande aventura artística e também deixasse um vácuo para o leitor completar com a sua própria experiência".

SERVIÇO

Lançamento de "Odisseia Vácuo" de Renato Negrão. Sábado, dia 13h às 18h, no Mercado Novo (Av. Olegário Magalhães, 742, Laje 2, 176 Centro). Apresentação em português e será vendido a R\$ 40.

RENATO NEGRÃO



VERSATI - O poeta mineiro Renato Negrão transita por diferentes linguagens artísticas



SIMONE DEMOLINARI

ALMANAQUE@HOJEEMDIA.COM.BR

QUANDO NÃO ME SINTO BOM O SUFICIENTE

Algumas pessoas, mesmo sendo notoriamente inteligentes, experientes e capazes, têm uma percepção distorcida de si mesmos. Uma falsa imagem que a julga inferior ao que é: "não sou nem a metade do que as pessoas pensam que sou". A esse tipo de sentimento se dá o nome de "Síndrome do Impostor".

Os que sofrem deste problema mantêm forte consciência de que são uma farsa e estão enganando todo mundo. Não importa quão reconhecida seja sua carreira profissional, ela sempre terá a sensação de ser um blefe, atribuindo seu sucesso ao acaso.

Essa síndrome se popularizou depois que Emma Watson, uma das grandes estrelas de Harry Potter, declarou o que sentia: "Parece que quanto melhor eu me saio, maior é o meu sentimento de inadequação, porque penso que em algum momento, alguém vai descobrir que eu sou uma farsa e que eu não mereço nada do que conquisei".


Outra famosa que assumiu ter o mesmo problema foi a premiadíssima atriz inglesa Kate Winslet: "Eu acordava de manhã, antes de ir para uma gravação, e pensava 'não posso fazer isso. Eu sou uma fraude'".

Na síndrome do impostor não importa a notoriedade do trabalho, os elogios da crítica especializada ou até mesmo os troféus e títulos conquistados, a angústia é interna e deriva do fato de, no íntimo, o indivíduo não conseguir reconhecer-se digno dos seus próprios méritos. Uma lástima!

É importante ressaltar que, apesar da maior manifestação do problema ser no campo profissional, também se estende para a vida pessoal e amorosa. Nesse contexto, o indivíduo tende a se inferiorizar perante uma situação ou outra pessoa como se não fosse digno de merecimento.

Alguns comportamentos são comuns em quem tem essa síndrome:

- Sentir que outra pessoa com as mesmas habilidades está mais qualificado;
- Preferir discursos autodepreciativos;
- Dificuldade em aceitar elogios por não acreditar no que é dito;
- Evitar situações onde é colocado no centro das atenções;
- Necessidade constante de reavaliar o próprio trabalho;
- Perfeccionismo extremo a ponto de sofrer com o mínimo detalhe;
- Autopunição severa ao constatar um erro;
- Medo de encarar novos desafios acreditando não ser capaz;
- Usar o carisma e a simpatia para aumentar sua significância;
- Querer agradar todo mundo;
- Tendência a tornar-se um workaholic para compensar a suposta inaptidão;
- Reação desproporcional perante uma crítica (sente-se arrasado);
- Sensação de inadequação ou não pertencimento;
- Medo de se expor;
- Comparação constante com os outros;
- Atuar ao máximo as tarefas tentando evitar o momento de ser avaliado;
- Medo constante de que os outros percebam a sua incapacidade (uma espécie de medo de ser descoberto).

EXCLUSIVO NA  Cinépolis

AQUI TEM!

BALDE EXCLUSIVO DO FILME!

Shopping Estação BH

SHAZAM!

APENAS DISA A PALAVRA MÁGICA
SUMENTE NOS CINEMAS

ASSISTA NAS SALAS: IMAX 4DX  Cinépolis VIP

cinépolis.com.br

f i t w G+ y  Cinépolis

A psicanalista escreve neste espaço às quintas-feiras

LETRA E MÚSICA

Renato Negrão abre mostra na Casa Una e lança o livro *Vicente viciado*. No dia 29, ele faz show com parceiros

CINCO DE PAULA/DIVIDUÇÃO

PALAVRA SOM E IMAGEM



Renato Negrão escreve poemas e canções com temática urbana e contemporânea

EDUARDO TRISTÃO GIRÃO

O multiartista belo-horizontino Renato Negrão ataca em três frentes: poesia, canção e artes visuais. Na residência que fará na Casa Una de Cultura, na capital mineira, vai mostrar um pouco de cada. O público poderá conferir seu talento hoje à tarde, em seleção do que de melhor fez no período mais recente de carreira, incluindo a exposição de fotografia *Refetiva*, alguns vídeos, performance e lançamento de seu livro *Vicente viciado* (Rótula).

"Não procuro intencionalmente manter relações de identidade, mas alguns aspectos são bastante recorrentes. O próprio nome da exposição fo-

tográfica mostra isso claramente. Refaço, provooco desdobramentos e ressignifico trabalhos já publicados. Tenho uma trajetória ligada à palavra, a poesia sobretudo. Recentemente, tenho procurado manter um diálogo mais próximo com a tradição da imagem num contexto mais amplo. Se bem que meu primeiro livro já era um livro objeto", diz ele.

Vicente viciado é composto por 28 poemas do autor, além de quatro letras do rapper belo-horizontino Das Quebradas, anexadas ao final da obra. Há alguns haikais, como *Os pés desertos* e *Mesmo vazio*, além de *Dadá*, escrito a partir de antiga entrevista do jogador de futebol *Dadá Maravilha*

ao jornal *O Pasquim*. Este é seu quarto trabalho literário, sucedendo *No calo* (1996), *Drações do paraíso* (com Daniel Costa, 1997) e *Os dois primeiros e um vago lote* (2004).

"*Vicente viciado* surgiu a partir de uma leva temática espontânea de poemas que giravam em torno de assuntos ligados a arte, ao amor, à sexualidade e à urbanidade. Não escrevo muito. Formalmente, e em relação aos livros anteriores, é onde mais utilizo o recurso da colagem, das apropriações, dos atravessamentos dos diversos fazeres. A capa, por exemplo, foi inspirada na letra de uma canção que fiz com o parceiro Renato Villaca", conta Renato

CANÇÃO Por falar em música, entre seus parceiros nessa área estão Alda Rezende, Antonio Loureiro, Carlos Carega, Estrela Leminski, Flávio Henrique, Kristoff Silva, Makely Ka e Sérgio Pererê. Boa oportunidade de conhecer parte dessa sua faceta de compositor será dia 29, quando a Casa Una de Cultura, para encerrar a programação, convidará três de seus parceiros (Kristoff, Makely e Juliana Perdigão) para pocket show só com canções dele.

RENATO NEGRÃO

Vários linguagens. Hoje, das 14h às 17h, na Casa Una de Cultura (Rua Amador, 1451, Lourdes). Entrada franca (mediante distribuição de senha e confirmação de e-mail). Informações: (21) 3235-7304 • www.casuna.com.br

ARTE/EDUCAÇÃO

Os rumos da originalidade

Renato Negrão, artista plural, tem reconhecimento nacional por seu trabalho

Poesia, performance, cinema, arte visual, teatro e música: Renato Negrão é um ecletista de múltiplas influências que tem como fio condutor em seu trabalho a educação. Aos 40 anos, mora em São Paulo e trabalha com teatro, cinema, artes visuais, música e dança. Em 2012, recebeu o Prêmio Nacional de Arte e Educação de São Paulo. Sua proposta de trabalho é a de trabalhar com projetos de intervenção em várias partes do país.

"Há tempos venho adivinhando de qual trabalho vou trabalhar. Há muito tempo estou na luta, criando e produzindo uma poesia ideal", conta. O que mais inspira Negrão são as 12-13 mil de intervenções em diferentes meios e locais que encontra, incluindo



de viagens para o exterior, onde pode experimentar suas ideias e trocar experiências com outros projetos na mesma linha", conclui.

Renato Negrão também tem um espaço onde seu trabalho é publicado pelo Itaú Cultural. O artista foi selecionado como um dos artistas que, de certa maneira, é um dos mais importantes artistas brasileiros em atuação. "Eu trabalho em áreas como as artes que resultam em intervenções em situações de rua, intervenções teatrais que se caracterizam por serem ações de rua, intervenções de rua", afirma.

Um dos objetivos, além da obra, é a formação

despertar a criatividade e sensibilidade poética neste grupo. "Este prêmio procura reconhecer projetos e experiências em áreas de atuação em áreas não formais", conta Negrão, que detém o seu trabalho de ideias em projetos da Fundação Municipal de Cultura, em Belo Horizonte.

Todo começou com simples oficinas de poesia, que contemplavam o universo em que vivíamos, incluindo as relações humanas e visuais, empregnadas, quase sempre movida pelo trabalho do cotidiano.

Fundando a produção Itaú Cultural, em Belo Horizonte, embora também trabalhe em projetos de intervenção para ser professor, Negrão é exemplo de uma geração acadêmica

formada nos interstícios e margens dos cursos d'água em festivais de teatro, uma tradição cultural em Minas. Paralelamente a projetos como Makely Ka, Maisa Moura e Escola Letruski (filha do casal de poetas Alice Ruiz e Paulo Letruski), o artista também incorporou ao seu vocabulário estético as ideias e experiências de personalidades como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Serres e Michel Foucault. "Fui influenciado por pesquisadores como Nilsen de Pinaud e Práxis Institucional", afirma.

Apesar de Negrão contar com uma trajetória de atuação em áreas acadêmicas, ele não se sente limitado por isso. Uma das experiências mais recentes do artista é a criação

de um espaço de intervenção em São Paulo, com o intuito de sensibilizar os alunos de uma avenida.

"Os mesmos que ao sinal com uma seguinte pergunta: 'o que você faria em troca de brains?'. As respostas foram as mais interessantes. Eles não acreditavam em troca de brains. Muitos destes meninos nunca estiveram em um sinal de trânsito, mas foram confundidos como políticos", conta Negrão. "Estudei nos anos 80, em um momento de transição de regimes. Tive gente que associava o Brasil à por, à violência, à liberdade. Deixa à esquerda, ao norte. De repente, as coisas dizem respeito ao que a gente imagina. É uma experiência de linguagem e de vida", afirma o poeta, com humor de quem a en-

volvência de uma intervenção é capaz de esquecer as limitações humanas.

Renato Negrão não vê a hora de conhecer outras experiências envolvendo o amplo diálogo entre arte e educação em vários estados brasileiros. Desde que escreveu, entre outros, o livro "A poesia e o corpo", a poesia de que seu projeto tenha sido acolhido no Itaú Cultural, ainda vai promover qualquer de intervenções, de agendas, atividades, projetos de viagens, que se saiba, no âmbito do Itaú Cultural, ainda vai promover qualquer de intervenções, de agendas, atividades, projetos de viagens, que se saiba, no âmbito do Itaú Cultural, ainda vai promover qualquer de intervenções, de agendas, atividades, projetos de viagens, que se saiba, no âmbito do Itaú Cultural.

Renato Negrão também tem um espaço onde seu trabalho é publicado pelo Itaú Cultural. O artista foi selecionado como um dos artistas que, de certa maneira, é um dos mais importantes artistas brasileiros em atuação. "Eu trabalho em áreas como as artes que resultam em intervenções em situações de rua, intervenções teatrais que se caracterizam por serem ações de rua, intervenções de rua", afirma.

Renato Negrão também tem um espaço onde seu trabalho é publicado pelo Itaú Cultural. O artista foi selecionado como um dos artistas que, de certa maneira, é um dos mais importantes artistas brasileiros em atuação. "Eu trabalho em áreas como as artes que resultam em intervenções em situações de rua, intervenções teatrais que se caracterizam por serem ações de rua, intervenções de rua", afirma.

DE BOLSO

Compositor e poeta Renato Negrão lança livro com poemas antigos e inéditos e se prepara para assinar letras de música nos discos de Rita Silva e Patrícia Ahmaral

Poesia em vários tons

AILTON MAGIOLI

Poesia? "É o mistério mais palpável matéria"; o poeta? "É um boi ruminante/um cachorro pela ótica do hidrante/casulo onde passa a lagarta/ao virar borboleta. E o poema, nada? Nada". As perguntas e respostas estão em *Os dois primeiros e um vago lote*, que Renato Negrão, de 36 anos, lança hoje, a partir das 10h, na livraria Páginas Antigas, na Savassi. Nome dos mais promissores na extensa seara da poesia-música, Negrão, que produziu o *Reciclo geral*, mostra de composições inéditas que agitou Belo Horizonte há cerca de dois anos, reúne na publicação *No calo*, de 1996, e *Dragões do paraíso*, de 1997, além de poemas inéditos, letras de canções gravadas por Alda Rezende, Patrícia Ahmaral, Polímnia Garro, Maisa Moura, Sérgio Pererê, Kristoff Silva e Makely Ka, entre outros.

Parceiro do poeta carioca Chacal em *Os dois primeiros e um vago lote*, Renato Negrão é abençoado pelo cantor e compositor Jorge Mautner, cujo texto de contracapa diz que o trabalho do poeta mineiro "é de uma impressionante atualidade, ressaltando-se a presença do humor, do profundo lirismo e de uma visão do instante, em que se reflete uma eterna e moderna Minas Gerais do Brasil universal". O formato de bolso da publicação, segundo Negrão, é uma alusão e homenagem à coleção *Cantadas literárias*, da Editora Brasiliense, que,

na década de 1970, trouxe à tona o trabalho de independentes como Chacal, Paulo Leminski, Caio Fernando Abreu, Alice Ruiz e Fernando Alvim, entre outros.

Com o inédito *ou melhor* (o título começa em minúscula e está grafado entre vírgulas) à procura de patrocinador, devido ao alto custo do papel, Renato Negrão diz que, para ele, a discussão sobre o que é poesia e o que é letra de música passa basicamente pela questão de suporte. "Considero-me um poeta que trabalha com o eixo da palavra, utilizando vários veículos", esclarece, lembrando que, no caso do poema visual, o suporte pode ser a internet, enquanto, na música, a poesia chega para atender à melodia e harmonia. Exercitando-se cada dia mais na área, em breve Negrão estará assinando letras dos novos discos das cantoras Rita Silva e Patrícia Ahmaral, em dobradinha com Antônio Santana e Christiam Maia, da banda Oshoríveis, respectivamente.

Renato Negrão diz que não vê diferença entre escrever poemas e compor músicas, "muda apenas o suporte"

OS DOIS PRIMEIROS E UM VAGO LOTE

Lançamento do livro de poesia de Renato Negrão. Livraria Páginas Antigas, rua Fernandes Tourinho, 151, Savassi. Hoje, 10h. O livro será vendido no local a R\$ 10.



DIVULGAÇÃO/MAIARA BOIANCHI



Instrumentistas e compositores - Graciela Paraskevaidis (foto) participa do encontro Latino-americano de música. PÁGINA 5
Lirismo regional - "Sevé", da Zero Cia. de Bonecos, é a atração de hoje do festival internacional. PÁGINA 6

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2002

DEPOIS DE DÉCADAS DE INFLUÊNCIA DECISIVA DO CLUBE DA ESQUINA, A MÚSICA MINEIRA TEM NOVA GERAÇÃO DE COMPOSITORES, COM MARCAS ESTÉTICAS MAIS AMPLIADAS, CONTEMPLANDO A MÚSICA NEGRA E ELETRÔNICA



NOVO CLUBE

Renato Negrão, Makely Ka, Kristoff Silva, Renato Villaça, Magno Mello e Érika são os novos compositores no horizonte da canção brasileira

JAIR AMARAL

ALÉM DAS MONTANHAS

AILTON MAGIOLI

Toda geração musical que se preza traz consigo um time de compositores que vai se responsabilizar pela linguagem e estética de um novo movimento. Que o digam Cláudio Faria, Érika, Kristoff Silva, Magno Mello, Makely Ka, Renato Negrão e Renato Villaça, entre outros, cuja produção autoral emergente vem ganhando voz através de Alda Rezende, Anthonio, Kadu Vianna, Marina Machado, Patrícia Ahmaral, Regina Spósito e outros jovens intérpretes mineiros. Representantes de um segmento maltratado pelo show-biz brasileiro hoje, felizmente, eles já não se limitam a entregarem a sua obra aos cantores. Estão em busca de espaço, seja interpretando a sua própria obra ou se reunindo em grupos para reivindicar os seus direitos.

A partir do mês que vem, por exemplo, um grupo de cerca de 20 novos compositores radicados em Belo Horizonte estará participando do projeto *Reciclo Geral*

que, de 19 de junho a 7 de agosto, vai transformar o bar Reciclo, no Centro da cidade, em palco de uma mostra de suas composições inéditas, com a participação de intérpretes convidados em apresentações nas noites de quarta-feira. Paralelamente, este mesmo grupo agiliza o lançamento do CD *A Outra Cidade*, que vai proporcionar parcerias aos jovens que movimentam a cena musical pós-Clube da Esquina, com destaque a produção pop-rock. "Trata-se realmente de uma nova geração de compositores, com um trabalho de alta qualidade, tanto em termos de harmonia quanto de letra, porém com um foco diferenciado", detecta o produtor Maurílio "Kuru" Lima, chamando a atenção para o fato de a nova geração promover em seu trabalho uma reflexão que talvez tenha sido negada pelo próprio Clube da Esquina.

"A influência da cultura regional, sobretudo a da música negra, faz o diferencial do trabalho desta turma. Além disso", observa o

produtor, "a maioria tem formação acadêmica, o que dá uma possibilidade maior no horizonte da criação, sem que ela esteja presa a uma única estética. É uma geração aberta, que flerta desde a MPB tradicional à eletrônica, passando pelo rap, soul, reggae e outros gêneros", elogia Maurílio Lima. Até então fechada à produção musical contemporânea, devido à influência assumida dos conservatórios europeus, as próprias escolas superiores de música estão dando a sua contribuição neste novo cenário, ao se abrirem para a música popular. "Com a abertura veio uma demanda reprimida que se mantém até hoje", informa o professor de composição Eduardo Campolina, da Escola de Música da UFMG, atribuindo à recente reformulação curricular da instituição o interesse crescente pela formação acadêmica no meio.

Segundo revelou, no último vestibular da UFMG 35 candidatos disputaram as três vagas disponíveis na habilitação em composição, o que dá uma média de

mais de 11 candidatos/vaga. "Já tivemos aluno graduado na escola que escreveu uma ópera rock", orgulha-se o professor, acrescentando que até as igrejas, especialmente as evangélicas, descobriram nas escolas de música o ambiente apropriado para a formação de seus pastores, motivo de preocupação do meio. "Recebemos todo mundo, ainda que às vezes o que eles estejam procurando não esteja na escola", acrescenta Eduardo Campolina. Companheiro de Campolina na UFMG, Mauro Rodrigues, que é professor de arranjo, harmonia e improvisação na escola, admite perceber um movimento mais atomizado no meio musical mineiro, hoje.

"A composição mineira tem um diferencial característico, mas não encontro nos novos compositores uma afinidade estética como a que houve no Clube da Esquina", diz Mauro Rodrigues, cuja tentativa de criação da habilitação em música popular na instituição acabou frustrada devido a impossibilidade de contratação de novos

professores. "A efervescência criativa, no entanto, permanece no meio", conclui Mauro Rodrigues. A constatação da diversidade do trabalho destes jovens autores faz Maurílio "Kuru" Lima prever uma mudança na própria cena musical mineira, em que não apenas os compositores, mas intérpretes, produtores e empresários passariam por uma reorientação, visando um trabalho conjunto.

"A troca de informações começa a tomar forma em Belo Horizonte, como já ocorre no Rio de Janeiro e em São Paulo", comemora o produtor, admitindo a necessidade de articulação para a construção de uma carreira artística. "A visão do músico imaculado, deitado em berço esplêndido, acabou. Hoje, o escritório de produção que não tiver uma tática de guerrilha dificilmente vai conseguir algo. Tem de haver articulação entre os pares na luta conjunta e diária", prega Maurílio Lima, de olho no mercado musical interno, nacional e, por que não, internacional.

CONHEÇA AS NOVAS CARAS DA COMPOSIÇÃO MINEIRA NA PÁGINA 4